

**ENTRE A EMANCIPAÇÃO E A AUTORIDADE: A AL JAZEERA COMO
PRENÚNCIO DE LIBERDADE E INSTRUMENTO ESTATAL**

Otávio Henrique Simiano do Bomfim¹

Andrew Patrick Traumann²

Resumo: Ao se debater a monarquia de *welfare state* do Qatar, é inevitável a busca pela compreensão acerca da atuação da Al Jazeera, tanto interna como externamente. Portanto, pretende-se analisar a instrumentalização da supracitada rede de comunicação como forma de manutenção do poder e do regime Qatari, pela agenda da permissividade. Para tal, usa-se conceitos aplicáveis ao contexto de liberalizações retóricas do Qatar, assim como a percepção da estruturação da Al Jazeera e a sua forma peculiar de realizar o jornalismo político. Além, objetiva-se o entendimento da relação entre o povo Qatari e o seu governo pelo intermédio da Al Jazeera, e a relação da emissora com o cenário internacional e regional como um todo.

Palavras-chave: Al Jazeera. Jornalismo Político. Permissividade; Qatar.

Abstract: While debating about the welfare state monarchy of Qatar, it's inevitable to try and comprehend the performance of Al Jazeera, both internally and externally. Therefore, this paper seeks out to analyze the instrumentalization of the above communication network as a way of power and regime maintenance in the Qatari state, through the permissiveness agenda. For such purpose, it is used applicable concepts to the context of rhetoric liberalizations in Qatar, whereas the perception of Al Jazeera's structure and its peculiar way of making political journalism. Furthermore, this article aims to understand the relations between the Qatari people and its government through Al Jazeera, and the channel's relation with the international and regional scene as a whole.

Keywords: Al Jazeera; Political Journalism; Permissiveness; Qatar.

Recebido em: 26/12/2017

Aprovado em: 22/01/2018

¹ Graduando de Relações Internacionais no Centro Universitário Curitiba. Bolsista do grupo de iniciação científica Conflitos no Oriente Médio, África e Ásia Central. E-mail: otaviohsbomfim@gmail.com

² Professor doutor do curso de Relações Internacionais do Centro Universitário Curitiba. E-mail: andrewtraumann@hotmail.com

Introdução

As peculiaridades dos regimes estabelecidos nos países do Oriente Médio são, por si só, extremamente relevantes para o estudo da democracia e da autoridade. Ainda mais o são as monarquias do Golfo, à exemplo do Qatar, da Arábia Saudita e do Bahrain. Destacando-se o caso do Qatar, um reino que possui como objetivo principal, desde a sua independência em 1971, a manutenção da segurança de seu regime, território e o manutenção da família real no poder (YETIM, 2014), observam-se movimentações políticas diplomáticas e domésticas que flertam com a democracia ocidental, mas não a abraçam por completo. Esta sustentação e perpetuação do regime autocrático do Qatar deve ser compreendida por meio da investigação à respeito do sucesso dos regimes autocráticos no Oriente Médio, não da incapacidade da democracia de se desenvolver na região (ALBRECHT, SCHLUMBERGER, 2004).

O Qatar possuía, em 2016 um PIB per capita de 125,100 dólares e está entre os maiores exportadores de petróleo do planeta³. A família real usa desta abundância de recursos para manter arrefecidos os movimentos sociais internos do país e para financiar movimentos pró-democracia em outros territórios, desde que lhe convenha. Além disso, o país explora a mão-de-obra dos imigrantes, que compõe 88,4% da população nacional⁴. As contradições entre a política doméstica e externa do Qatar promovem grandes questionamentos do *establishment* à respeito do comprometimento do país em relação ao fomento dos valores democráticos ocidentais na região.

As liberalizações políticas realizadas pela coroa Qatari possuem objetivos claros e específicos, não sendo necessariamente sinais de democratização. Pelo contrário, a concessão de liberdades para a população costuma servir de ferramenta para o aumento da legitimidade da coroa que, junto à eventual repressão, garante a durabilidade do regime (ibidem). Externamente, o Qatar tenta projetar uma auto-imagem progressista, refletindo as expectativas

³ Dados extraídos de **CIA The World Factbook**. Disponível em: <<https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/qa.html>>. Acesso em nov. 2017

⁴ Idem

das potências ocidentais que se mostram desconexas de suas ações concretas, trabalhando numa busca por influência regional enquanto agente neutro.

A permissividade conduzida pelo governo autocrático do Qatar constitui-se no elemento fundamental para a compreensão da durabilidade e da manutenção do poder nas mãos da família Al Thani. As noções paradigmaticamente impostas à respeito da liberdade e da democracia não são suficientes para uma interpretação realmente próxima à realidade do reino Qatari e de suas ambições. Destarte, revela-se imprescindível uma estruturação do funcionamento do pragmatismo que contorna cada ação da família real e as suas consequências para a durabilidade do regime e para a manutenção do *status quo*. Para tal, torna-se fulcral compreender a atuação da rede Al Jazeera, por se tratar de um elemento exclusivo ao Qatar em seu contexto regional, sendo o único país a sediar uma rede emissora jornalística, de televisão e online, que angariou respeito e credibilidade por todo o globo. Por conta de sua importância e relevância para a imagem e para a diplomacia Qatari, a Al Jazeera constitui-se como um instrumento e um elemento de grande força para o exercício e a propagação da permissividade, assim como para a manutenção dos pilares que possibilitam esta dinâmica.

1. Conceitos, contextos e sua aplicabilidade

A diferenciação epistemológica é essencial para a quebra das estruturas paradigmáticas que reprimem o desenvolvimento de conceitos e teorias adaptados e aplicáveis às diversas sociedades existentes, de acordo com suas especificidades. Da falta dessa diferenciação ganha fôlego a hegemonia ideológica, baseada num último estágio do capitalismo pós-68⁵ de contornos dados pela lógica do mercado e da concorrência (ZIZEK, 2011, p. 10). Portanto, compreende-se que os valores democráticos que o Ocidente pretende aos países do Oriente Médio são, invariavelmente, conectados à lógica do liberalismo

5 Após a efusividade global de movimentos sociais em 1968, o capitalismo passa a incorporar as críticas recebidas ao seu próprio modelo de funcionamento, criando uma nova lógica de “consumo consciente”, em oposição ao anterior “consumo alienado”. Passa-se a adicionar uma carga cultural aos produtos, uma dimensão ética ao consumo (ZIZEK, 2011).

econômico e constituem-se como a única receita para o desenvolvimento econômico, social e político.

A democratização proposta pelos países centrais do Sistema Internacional não corresponde ao desenvolvimento natural de uma forma de organização moldada a partir das pressões sociais do Qatar. O objetivo seria o de manter a oligarquia real no comando, numa democracia representativa que concentra o poder na mão de poucos, supostamente eleitos de acordo com os interesses de seu povo (BOBBIO, 1983). Dessa forma, as aspirações legítimas da população seriam reprimidas, concedendo espaço para os interesses das potências no país. Portanto, trata-se da imposição de uma democracia que consiga controlar e reprimir um dos fatores mais assustadores num ambiente livre, que se constitui simplesmente pela vida democrática (RANCIÈRE, 2014, p. 16).

A construção de uma “Sociedade Permissiva” envolve a concessão de permissões pelo Estado ao povo, sem que haja uma real garantia de direitos, mantendo o poder centralizado (ZIZEK, 2011). A autoridade, no caso, é exercida de forma muito mais efetiva e resiliente, por ser velada, travestida como uma conquista real pela força popular. As permissões, comumente diluídas em relação às demandas concretas, servem de instrumento para o enfraquecimento de movimentos populares que exijam a transferência real de poder. Por tais fatores, o regime construído pela família Al Thani, principalmente após o golpe de 1995, garante sua sobrevivência por meio da permissividade.

Em relação à segurança, o governo Qatari busca manter a estabilidade e a soberania. Discursivamente, a família real relaciona diretamente o bem-estar social à cristalização da oligarquia. Nesse contexto, a *raison d’Etat* de Foucault (1978, p. 385), em que o Estado se estabelece como princípio de inteligibilidade de algo já existente (a predileção do povo Qatari pela estabilidade à democracia) e, ao mesmo tempo, a existência e o fortalecimento do Estado consistem no objetivo das intervenções racionais ativas (pragmatismo não necessariamente coerente), serve para explicar a atuação do governo do Qatar. A *praxis* da coroa Qatari revolve em torno de sua própria legitimação como fonte de ordem e poder, sendo este, simultaneamente, seu objetivo último. A securitização, consistindo na transferência de um tema para a alçada das questões de segurança, é utilizada como razoamento para a atuação

pragmática do governo Real, mesmo que haja uma desconexão entre as atuações interna e externa e o seu discurso, este aceito amplamente pela audiência, composta pelos estamentos sociais da população Qatari.

É fundamental compreender que a classificação de um governo como autoritário ou não deve derivar da percepção dos limites impostos aos pluralismos, estes podendo existir tanto em regimes democráticos quanto ditatoriais, não pela simples ocorrência das liberalizações *per se* (ALBRECHT, SCHLUMBERGER, 2004). Não obstante o governo do Qatar coloque em prática processos de liberalização, não há sinais de uma vindoura democracia, pois as estruturas de poder que conferem estabilidade ao regime continuam imutáveis em suas essências. Além disso, é provável que o sistema político-burocrático que surja das pressões sociais específicas do país não seja idêntico à democracia ocidental.

2. Breve histórico do Qatar pós-1995

Desde o golpe sem derramamento de sangue que colocou Hamad bin Khalifa Al Thani no poder, em 1995, o Qatar vem experimentando um desenvolvimento expansivo impressionante de sua política externa, colocando o país numa posição de destaque no cenário internacional, atuando como mediador e realizando a reaproximação entre países em conflito, além de providenciar ajuda humanitária (KHATIB, 2013). A agilidade de atuação da política externa Qatari se deve à grande centralização decisória (*ibidem*). Neste momento inicia-se um processo chamado de “Democracy Festival”, que consistiu em modernizações e liberalizações intensivas, tanto domesticamente quanto na política externa como, por exemplo, a abolição do ministério da informação, com o intuito de alargar a liberdade de expressão, fato que tornou possível o surgimento e o funcionamento excepcional da Al-Jazeera (YETIM, 2014).

O novo emir deu início a um processo de afastamento do alinhamento automático com a política externa da Arábia Saudita, adotando uma postura de maior autonomia. O distanciamento inicial entre os dois reinos se deu por conta das liberalizações promovidas pelo Qatar, que contrariavam a moralidade e a rigidez do regime saudita, além de gerar um desconforto no equilíbrio regional. As diferenças ideológico-religiosas também influenciaram

a deterioração da antes inquestionável parceria, derivando da contraposição entre o Wahhabismo saudita e o Salafismo Qatari. Por sua orientação, o Qatar acabou por se aliar à grupos islâmicos como a Irmandade Muçulmana, de grande influência regional. Ao convergir seus interesses aos destes, confronta diretamente os interesses sauditas.

A modernização do Qatar foi possível, como estabelece Mehran Kamrava (2009, p. 401), por conta dos preços constantemente em ascensão do petróleo e pela demanda crescente de Gás Natural Liquefeito, que ensejaram a estruturação de um Estado de bem-estar social. Inicialmente, o Emir, junto de sua esposa Mozah, criaram uma atmosfera de esperança e confiança em relação à democratização, como explicita Kamrava:

“Ao menos inicialmente, havia boas razões para acreditar que o Emir e Moza estavam sendo verdadeiros em seus esforços para implementar reformas políticas significativas. Logo após assumir o poder, o Emir deu início a vários decretos que pareciam liberalizar significativamente o sistema político do país. Pela primeira vez, eleições para a Câmara do Comércio e da Indústria foram realizadas em Abril de 1998, seguidas no ano seguinte pela primeira eleição direta para conselhos municipais. Significativamente, junto aos homens, às mulheres também foi permitido o voto e a candidatura, apesar de nenhuma ter sido eleita. O Emir também convocou um comitê para escrever uma nova constituição para o país. Em um evento muito esperado, em Abril de 2003, os Qatari foram às votações e decidiram, por uma maioria esmagadora, aprovar a constituição, da qual o Artigo 1 garante o Qatar como "um país democrático." Por um tempo, pareceu que o Emir estava, de fato, "ansioso por tornar o Qatar a primeira democracia genuína da região.” (2009, p. 402, tradução nossa).⁶

O espírito da mudança, porém, logo veio a definhar. A condução da política, tanto externa quanto nacional, continuou excessivamente centralizada, fosca e carente de *accountability* democrática (KAMRAVA, 2009, p. 403). Embora estabelecida a liberdade de imprensa, os limites impostos à informação por meio da falta de transparência governamental garantiram o custeio da autocracia. Além disso, somados ainda à falta de interesse da

⁶ “At least initially, there was good reason to believe that the Amir and Shaykha Muza were serious in their efforts to implement meaningful political reforms. Soon after assuming power, the Amir issued a series of decrees that seemed to significantly liberalize the country's political system. For the first time, elections to the Chamber of Commerce and Industry were held in April 1998, followed the next year by the first direct municipal council elections. Significantly, along with men, women also were allowed to vote and run for office, though none were elected. The Amir also convened a committee to draft a new constitution for the country. In a much anticipated event, in April 2003, Qataris went to the polls and overwhelmingly approved the constitution, Article 1 of which commits Qatar to being "a democratic country." For a time it appeared as if the Amir was indeed "eager to turn Qatar into the first genuine democracy in the region. (KAMRAVA, 2009, p. 402)”

população Qatari sobre as reformas políticas, o faccionalismo real, que permitia a forte influência da família real em determinadas instituições, e o arrefecimento dos processos de liberalização formaram um cenário de acomodação generalizada, uma espécie de consenso entre o novo governo modernizador, que renegou o progresso às promessas, e a população, que deixava de constituir até mesmo uma sociedade civil, sem demandas coletivas pela continuidade dos processos liberalizantes. O conformismo havia sido instaurado por meio da permissividade.

Nesse contexto, a coroa Qatari cristaliza diversos preceitos em relação às suas motivações, principalmente a supracitada manutenção do regime por meio da garantia de segurança e estabilidade. Além disso, busca a contenção da influência iraniana e do seu xiismo na região, mediando conflitos entre grupos apoiados pelo governo do Irã e os seus rivais. Nesse sentido, objetiva manter relações cordiais com o Irã, enquanto impede a sua expansão para as proximidades do Golfo. Por conseguinte, as duas nações compartilham o maior poço de petróleo do planeta, sendo que o Qatar possui plena consciência das intenções expansionistas do Irã, tornando-se benéfica e essencial a manutenção de uma relação amistosa (KHATIB, 2013, p. 418). O governo do Qatar possui ambições expansionistas próprias visando, no futuro, substituir a Arábia Saudita como *player* regional de maior relevância. Porém, este cenário, que deveria representar um ambiente de competição, acaba sendo de cooperação entre o Qatar e a Arábia Saudita, por conta das preocupações com instabilidade e mudança de regime comuns entre os dois Estados. (ibidem, p. 419).

3. A Al-jazeera e a sua estruturação

A existência da rede Al-Jazeera faz da experiência Qatari idiossincrática. Surgiu em 1996 como uma prática pioneira no mundo árabe, sendo afirmada como uma estação de notícias independente dos interesses nacionais pelo próprio governo, apesar de ter recebido um empréstimo estatal para sua fundação. O canal goza de grande liberdade e demonstra extrema qualidade em suas produções, além de uma equipe de profissionais competentes. Surgiu no contexto da queda da BBC Arabic em 1996, por conta de um desentendimento

entre o governo saudita e a emissora em relação ao conteúdo e à censura. O Emir Qatari aproveitou o momento para lançar um canal do país, concedendo um empréstimo de 140 milhões de dólares e aproveitando a mão-de-obra liberada pelo fechamento. A falta de censura em relação aos temas tratados pelas matérias e pelos programas da Al Jazeera começou a incomodar diversos regimes da região (SAMUEL-AZLAN, PECHT, 2014, p. 221). Nesse contexto, mesmo que não exista um alinhamento direto entre a Al-Jazeera e o governo Qatari, a emissora acaba por tornar-se um instrumento de diplomacia e de controle interno extremamente atraente e eficiente.

Diversos estudos adotam a postura de analisar a relação entre a emissora e o governo diferenciando a atuação da Al Jazeera Arabic e da Al Jazeera English⁷ (ibidem, p. 228). Estas duas divisões da empresa atuam em duas dimensões peculiares, com objetivos e discursos variados. A versão árabe é voltada para dentro do mundo árabe, assim como para o povo Qatari. Portanto, costuma adotar posturas mais alinhadas aos interesses do governo, embora não sejam evidentemente politizadas nesse sentido. A versão em inglês, que visa atingir indivíduos por todo o globo, costuma adotar posturas mais moderadas e imparciais, dentro dos limites impostos pela incapacidade de objetividade em questões evidentemente subjetivas e discursivamente construídas.

A Al Jazeera Arabic (AJA), com sua política de convidar locutores de diferentes posicionamentos (*the opinion and the other opinion*)⁸, quebrou diversos tabus que permeavam a sociedade da região, além de desafiar o controle exercido pela Arábia Saudita e pelo Egito sobre a televisão árabe (ALTERMAN, 1998, p. 46-7 apud. FIGENSCHOU, 2014, p. 99). Buscando fontes de informação diversificadas, que não necessariamente buscassem reafirmar apenas uma forma de discurso, a AJA passou a reconfigurar o sistema regional de noticiário e de formação de opinião, angariando a contrariedade de diversos governos que tomavam atitudes formais contra a emissora e o seu “dono”, o governo Qatari.

⁷ A Al Jazeera Arabic surgiu em 1996, enquanto a Al Jazeera English constituiu-se em 2006. Disponível em: <<http://www.aljazeera.com/aboutus/>>. Acesso em: nov. 2017

⁸ Lema da Al Jazeera, que sinaliza seu objetivo (ZAYANI, Mohamed. **The Al Jazeera Phenomenon Critical Perspectives on New Arab Media**, p. 187)

Num cenário internacional, a estratégia de buscar fontes alternativas e locais empregada pela emissora em relação aos conflitos regionais no Afeganistão (em 2001) e no Iraque (2003), incluindo a Al-Qaeda, o Taliban e oficiais Baath, gerou um enorme desconforto e gravitou massivas críticas em direção da Al Jazeera vindas dos Estados Unidos e de oficiais da Coalizão (FIGENSCHOU, 2014, p. 99). Não obstante o descontentamento do Ocidente em relação à estes casos, o posicionamento da Al Jazeera English (AJE) costuma ser cuidadoso e pouco audacioso em relação às potências. Para diversos críticos do canal, o trabalho de dar voz ao Outro não tem sido ambicioso e corajoso o suficiente ao ponto de permitir o alavancamento de discursos que sejam hostis ao oeste, vindos de países e governos considerados “Inimigos do Ocidente” (FIGENSCHOU, 2014, p. 100).

Apesar do hesitamento em trilhar caminhos que talvez sejam excessivamente inóspitos, o *modus operandi* da Al Jazeera, como rede jornalística, caracteriza-se pela busca de documentos obscuros, alcance de entrevistas exclusivas, promoção do jornalismo alternativo e, principalmente, pela discussão de temas sensíveis. Esta forma de existir permitiu que a rede saltasse de um ator subalterno para uma posição de influenciadora política regional e global. Um forte elemento de projeção regional para a emissora foi a questão da Palestina. No começo de 2011, a rede Al-Jazeera protagonizou o episódio conhecido como *Palestine Papers*, que consistiu na liberação de centenas de documentos confidenciais relacionados a negociações sem sucesso entre Israel e a Palestina, estabelecendo o potencial da mídia para reestruturar a política regional e reacendendo discussões à respeito do conflito (ZAYANI, 2013, p. 21). A questão palestina é, sem dúvidas, um dos fatores que mais ecoa e toca os cidadãos do mundo árabe, consistindo no “prisma pelo qual todas as outras questões são percebidas e compreendidas” (ROSS, 2002 apud. ZAYANI, 2013, p. 22).

Num contexto pós-*wikileaks*, em que o acesso democrático à informação passa por um remodelamento conceitual e os Estados são ostensivamente desafiados pelo poder popular, a Al Jazeera postou-se como uma das primeiras grandes redes de mídia mundiais à aderir ao movimento da informação livre. Isso não vem como surpresa, considerando que também foi uma das primeiras redes adeptas do mundo digital proporcionado pela internet.

Nesse contexto, inaugurou sua *Transparency Unit*, que serviria para receber documentos e informações sigilosos ou “ilegais”, protegendo o emissor de qualquer tipo de perseguição, encriptando a informação e, posteriormente, transferindo-a para um servidor seguro (ZAYANI, 2013, p. 29). Dessa forma, a Al Jazeera passa a receber informações diretamente das pessoas, independentemente de onde elas estejam ou quem sejam. Essa informação passa por avaliações e autenticações rigorosas, sendo este o fator que difere esta categoria de informações promovidas pela emissora das do *wikileaks*.

Salta aos olhos dos espectadores ocidentais a impressionante versatilidade e adaptabilidade de uma rede árabe. As novas tendências não fogem à perspectiva dos dirigentes da Al Jazeera, que se adapta às novas configurações do mundo Árabe de forma muito mais rápida e pioneira do que as redes ocidentais, como evidencia Zayani:

“Os desenvolvimentos que o mundo Árabe está testemunhando tem colocado a Al Jazeera numa trajetória evolutiva não linear, e a rede se provou acessível a adotar e adaptar novas e alternativas práticas jornalísticas. Do lançamento precoce dos seus *websites* no idioma árabe– e inglês– intensamente acessados, que compreendem desde transmissões ao vivo, da criação de uma Divisão de Novas Mídias que pode ajudar a rede a apropriar o potencial de tecnologias de mídia emergentes, até a mais recente introdução do *Sharek*, uma função de mídia cidadã feita para solicitar vídeos e imagens de testemunhas oculares, a Al Jazeera se destaca por sua forte presença *online* e sua disposição para integrar a grande variedade de plataformas digitais de maneiras que promovam a cultura da conectividade, interatividade e engajamento.” (2013, p. 29-30, tradução nossa)⁹

O comportamento das grandes redes midiáticas globais acaba sendo, dessa forma, ditado pelas tendências estabelecidas pela Al Jazeera. Este fato não é, de forma alguma, acidental. Trata-se de um sucesso estratégico do *modus operandi* da rede. Como aprofunda Zayani:

⁹ “The developments the Arab world is witnessing have set Al Jazeera on a non-linear evolutionary trajectory, and the network has proven amenable to adopting and adapting new and alternative journalistic practices. From the early launch of its widely visited Arabic - and English-language news websites, with live streams to the creation of a supporting New Media Division that can help the network appropriate the potential of emerging media technologies, to the more recent introduction of Sharek, a citizen media function designed to solicit videos and pictures from eyewitnesses, Al Jazeera stands out for its strong online presence and its disposition to integrate a wide range of digital platforms in ways that promote a culture of connectivity, interactivity and engagement (ZAYANI, 2013, p. 29-30)

“No decorrer da última década, esta estratégia tem servido bem, ultimamente se tornando uma fonte de força e criatividade. A apropriação de novas mídias e das mídias sociais durante os eventos tumultuosos que marcaram a Primavera Árabe é uma manifestação evidente deste espírito inovativo. Enquanto alinhado com o estilo de jornalismo da rede, a iniciativa da *Transparency Unit* está também em sincronia com o papel político que a emissora adquiriu.” (2013, p.30, tradução nossa)¹⁰

Torna-se paradigmática a posição de exemplo alcançada pela Al Jazeera, que posta-se como uma rede do futuro para o jornalismo político. Ainda mais peculiar é este exemplo surgir justamente de um ambiente conhecido pela repressão e pela censura dos veículos midiáticos.

Conforme supracitado, a Al Jazeera serve como um instrumento de alavancamento da relevância internacional e regional do Qatar. Portanto, estabelece-se, de certa forma, como uma instituição fora dos padrões esperados pela ideologia hegemônica do sistema internacional. Ironicamente, no contexto político da monarquia Qatari, atua como um agente de manutenção da hegemonia, que coloca múltiplos grupos com variados e diferentes níveis de poder em relações dialéticas que resultam no controle por meio da negociação e da acomodação (EVANS, 2012, p. 313 apud. FIGENSCHOU, 2014, p. 101). Dessarte, a Al Jazeera age como um fator de influência na negociação entre a autocracia do Qatar e a população, que envolve também o setor externo e regional. Num cenário mais amplo, a própria existência da emissora promove a inteligibilidade de um Qatar democrático, que não censura a imprensa residente no coração do seu reino. Sendo assim, embora campeã da liberdade e da audácia, a Al Jazeera acaba por se tornar um instrumento de manutenção para um regime autocrático e repressor, que busca vender-se como um pilar da democracia e uma ponte para o Ocidente em relação ao Golfo Pérsico e ao resto da região. Portanto, a rede torna-se um agente garantidor da acomodação, esta a ser explicada a seguir.

¹⁰ “Over the past decade, this strategy served it well, ultimately becoming a source of strength and creativity. Al Jazeera’s appropriation of new and social media during the tumultuous events that marked the Arab Spring is a pointed manifestation of this innovative spirit. While in line with the network’s style of journalism, the Transparency Unit initiative is also in synch with the political role it acquired.” (ZAYANI, 2013, p. 30)

4. O pragmatismo da Al Jazeera como meio de comunicação e os seus limites

O espírito subversivo do jornalismo propagado pela rede Al Jazeera é inegável. A postura contra o *status quo*, a roupagem de meio alternativo para a informação e a valorização da região de origem fazem parte da definição da emissora. No contexto da Primavera Árabe, diversos regimes ordenaram o fechamento dos escritórios da rede em seus territórios. O Egito, por exemplo, tentou ainda impedir a recepção do canal por meio de outras redes de satélite, sendo rebatido por instruções de emergência que buscavam ensinar a população egípcia a acessar a programação da emissora por meio de frequências alternativas (SULTAN, 2011, p. 8). Dessa forma, a Al Jazeera se posiciona automaticamente ao lado do povo, sendo representada como uma arma contra a tirania. O caso dos *Palestine Papers* é um indicativo de uma era pós-*WikiLeaks*, em que a relação tradicional entre as mídias, os públicos e a política se reconfiguram constantemente (ZAYANI, 2013, p. 32). A Al Jazeera teve um papel fulcral em evidenciar os abusos e os terrores promovidos pelos governos autocráticos no contexto da Primavera Árabe. Filmagens de autoridades do Estado reprimindo violentamente manifestantes pacíficos, chegando a executá-los a sangue frio, comoveram todo o mundo (SULTAN, 2011, p. 7). Dessa forma, a Al Jazeera se constitui como um ator que busca promover as causas Árabes, angariando apoio mundo afora, escalonando uma espécie de identidade pan-Arábica, exemplificada pela opinião planificada que ajudou a formar entre os indivíduos árabes à respeito do conflito Israel-Palestina.

Mostra-se necessário compreender que a atuação da Al Jazeera não é, de forma alguma, desprendida de ideologias ou pós-ideológica. É, na verdade, uma instituição extremamente pragmática, que possui uma linha de ação e uma agenda definidas. Como revelado, novamente, por Zayani:

“(...) a aparente contradição inerente à própria concepção e estratégia da Al Jazeera—como uma ferramenta de política externa à serviço da sobrevivência do estado e como uma voz revoltosa em apoio às causas Árabes— é um risco calculado e um caso de *realpolitik* que, até o momento, tem pago dividendos políticos. Ainda assim, a

posse política mais valiosa do Qatar pode tornar-se um problema.” (2013, p. 31-32, tradução nossa)¹¹

Enquanto emissora livre e subversiva, a Al Jazeera proporciona ao Qatar uma imagem de país “progressista”, que busca adequar-se às normas de conduta estabelecidas pelos valores democráticos e liberais do Ocidente. Dessa forma, embora existam resistências regionais próximas ao Qatar (como a Arábia Saudita e o Egito) em relação ao funcionamento da Al Jazeera, o efeito dessa propaganda acaba por angariar apoio internacional ao regime autocrático Qatari. Para continuar seu funcionamento, é interessante para a Al Jazeera manter um certo apoio ao governo que a financia, mesmo que de forma velada, baseada apenas na omissão de determinados assuntos e na ultraexposição de outros.

Embora a Al Jazeera seja uma arena para o embate entre diferentes pontos de vista à respeito de assuntos variados, é importante ressaltar que, embora opositoristas, muitas das fontes que são utilizadas pela emissora ainda pertencem à elite. Nesse contexto, existem dois tipos diferentes de elites que possuem acesso aos meios proporcionados pela rede: i) As elites independentes, como a oposição política, as ONGs, os acadêmicos etc; ii) As elites do establishment, como oficiais do governo, líderes de negócios, membros do corpo diplomático ou militar etc (FIGENSCHOU, 2014, p. 114). Dessa forma, altera-se os interesses de qual elite se propaga, mas não as raízes elitistas da informação. Ainda, como fator de curiosidade, apenas 20% das fontes utilizadas pelo *NewsHour* são do gênero feminino (FIGENSCHOU, 2014, p. 116). Portanto, os interesses das classes subalternizadas da região vêm sendo representados por homens, membros das elites opositoristas sendo, por consequência, enquadrados dentro dos limites ideológicos impostos pelo pensamento hegemônico.

Um exemplo dos limites auto-impostos da rede Al Jazeera consiste na falta de cobertura à respeito da exploração do trabalho imigrante no país. O Qatar sediará a Copa do Mundo da FIFA de 2022 e, para a construção da infraestrutura necessária para a realização do evento, tem sido usada, segundo organizações como a Anistia Internacional e a *Human Rights*

¹¹ “(...) the apparent contradiction inherent in the very conception and strategy of Al Jazeera—as a foreign policy tool at the service of state survival and a rebellious voice in support of Arab causes—is a calculated risk and a case of realpolitik that has so far paid political dividends. Still, Qatar’s most valuable political asset could conceivably turn into a liability.” (ZAYANI, 2013, p. 31-32)

Watch, mão-de-obra classificada como “escravidão moderna”¹². Isso ocorreria por meio de uma lei chamada *Kafala*, que coloca o trabalhador imigrante sob o completo comando do patrão, que pode impedi-lo de trocar de emprego e até de sair do país. Outro exemplo prático destes limites é a cobertura extremamente tépida, contrastando com a grande atenção dada aos movimentos egípcios, feita pela emissora em relação aos movimentos de demandas democráticas no Bahrain, país de maioria xiita, que posaria como uma ameaça aos interesses de monarquias sunitas do Golfo, além de um ponto de inflexão à favor da influência iraniana (YETIM, 2014, p. 402). Não obstante os seus limites evidentes, a exposição dos problemas sociais da região realizada pela Al Jazeera gera um sentimento de revolta e de necessidade de mudança nos indivíduos que possuem acesso às informações veiculadas pelo canal, sendo nesse ponto em que começa a possuir o potencial de tornar-se uma preocupação para a coroa Qatari.

As linhas limdeiras da atuação e da vocalização opinativa da Al Jazeera são mais restritas que as do seu jornalismo investigativo. Embora haja a defesa discursiva e oportunista de valores democráticos e liberais por parte do governo do Qatar, a intervenção da Al Jazeera a favor de movimentos populares em locais que o governo tenha envolvimento militar (Líbia), apostas geopolíticas (Síria) e iniciativas de mediação (Iêmen), têm se mostrado um desafio para a Coroa (ZAYANI, 2013, p. 32).

A Al Jazeera tem desempenhado um papel importante de fornecer o meio pelo qual as demandas populares são vocalizadas, mas não se sabe exatamente as consequências que essas demandas trarão para a região. Para Yetim:

“A crescente influência da população pode significar que os líderes precisam iniciar várias reformas econômicas, sociais e culturais para arrefecer a pressão política e a oposição de implacáveis segmentos de suas sociedades e agradá-las. Porém, ainda não é claro que esses desenvolvimentos, aparentemente democráticos, possam trazer uma transformação radical do sistema de governo dominante na região, ou seja, um governo absolutista (...)” (2014, p. 392, tradução nossa)¹³

¹²“*Migrant workers in Qatar still at risk despite reforms, warns Amnesty*”. Disponível em:

<<https://www.theguardian.com/global-development/2016/dec/13/migrant-workers-in-qatar-still-at-risk-despite-reforms-warns-amnesty>>. Acesso em nov. 2017

¹³ “The growing influence of the populace can mean that rulers need to initiate various economic, social, and cultural reforms to ward off political pressure and opposition from restless segments of their societies and to please them. However, it is still unclear that these apparently democratic developments can bring about a

Ocorre, portanto, uma forma de dialética entre a Al Jazeera e o governo Qatari. O fato de o Qatar ter adotado uma estratégia de política externa baseada na demonstração de um apoio aos valores ocidentais de democracia e liberdade possibilitou a existência da Al Jazeera. Esta, por sua vez, acaba por exigir que este apoio seja exercido de fato, o que vai contra os interesses governamentais em determinadas situações, como a do Bahrain. Dessa relação, movimentos populares ganham voz por meio dos dispositivos de democratização da informação proporcionados pela Al Jazeera, que tem por primazia garantir sua liberdade de expressão e ação. Ao expor as mazelas dos regimes autocráticos do mundo Árabe, a emissora angaria apoio e simpatia internacional por conta de sua colaboração em relação à propagação dos supracitados valores ocidentais. Desse contexto, emerge um Qatar que precisa responder à comunidade internacional por seu pragmatismo, que muitas vezes gera incoerências morais entre os âmbitos interno e externo de sua política. Ao conceder pequenos direitos à sua população, que vive sob um regime de *welfare state* autocrático, como o voto feminino na década de 90, a família Al Thani consegue manter-se no poder, financiando a Al Jazeera e postulando-se como uma potência regional neutra, pacífica e parceira do Ocidente, que pode transformar-se numa ponte para a influência das potências ocidentais na região, sem a necessidade de mudanças de regime para as monarquias do golfo. Embora independente, a rede Al Jazeera é pragmática, não sendo viável, portanto, arriscar sua própria existência radicalizando-se contra o governo Qatari em nome do povo.

Acima de tudo, além de agente político e instrumento de diplomacia, a Al Jazeera é um meio de comunicação e, portanto, compartilha significados por meio da troca de informação (CASTELLS, 2015, p.101). Portanto, torna-se impossível e inviável exigir imparcialidade ou objetividade, considerando que o processo de troca é permeado pela tecnologia, pelas características de emissores e receptores da informação, por seus códigos culturais de referência e protocolos de comunicação e pela abrangência do processo comunicativo (ibidem, p. 101). Nesse contexto, a Al Jazeera mostrou-se extremamente capaz e inventiva ao se adaptar à um mundo conectado via internet. No contexto da

radical transformation of the embedded governmental system of the region, that is, one-person rule (...)" (YETIM, 2014, p. 392)

autocomunicação de massa de Castells, em que os emissores e os receptores de mensagens gozam de grande autonomia, as iniciativas da emissora de receber informações diretamente do público, enquanto protege sua identidade, e de estar constantemente presente no mundo virtual garante que sua visibilidade seja incrementada, enquanto ecoa uma imagem de modernidade, atualização e versatilidade. Assim, é fácil esquecer os vínculos profundos entre a rede e o Estado do Qatar, ignorando-se os possíveis arranjos de influência existentes entre os dois atores. Novamente, como explicita Castells:

“(...) o novo campo de comunicação em nossa época está surgindo por meio de um processo de mudança multidimensional moldada por conflitos enraizados na estrutura contraditória de interesses e valores que constitui a sociedade.”
(CASTELLS, 2015, p. 104)

O Estado, portanto, ainda se mantém como um ator de relevância em relação à comunicação, por constituir um agente de interesse sendo, além, um dos mais fortes. No caso do Qatar, os meios legais e institucionais que envolvem a sua capacidade influência sobre a Al Jazeera são caracterizados por um Estado extremamente patrimonialista, faccionalista e autocrático sendo, portanto, pouco transparente. Não somente a censura de determinados assuntos pode delimitar o escopo de atuação das mídias, mas também o objetivo de propaganda do Estado, por meio da fabricação e difusão de mensagens que distorcem fatos e induzem a desinformação com o objetivo de promover interesses governamentais (ibidem, p. 319). A omissão de informações que vão contra os interesses do Qatar e a hiperexposição de fatores que favoreçam o regime real estão entre os principais artifícios que a Al Jazeera é acusada de utilizar.

Considerações Finais

Num sistema internacional extremamente interligado e globalizado, em que o espaço e o tempo são comprimidos pela técnica, como já evidenciava Milton Santos, acontecimentos e ações locais influenciam globalmente, enquanto os desenrolares do globo influenciam o local. A existência da Al Jazeera como um ator promovedor da liberdade de expressão e da inovação, embora tenha um papel mais forte nos entornos geográficos do Qatar, também influencia o funcionamento das redes de mídia globalmente. Ao incomodar a Arábia Saudita, engatilha uma cadeia de alianças de interesses que movem-se até os Estados Unidos. Portanto, a ameaça exercida pela emissora sente-se em dimensões variadas, tanto geograficamente quanto social e politicamente.

O artigo presente não busca, de forma alguma, explorar exaustivamente os meandros das relações entre o governo Qatari e a Al Jazeera. Intenta, porém, explicitar que essas relações não precisam ser essencialmente diretas e com objetivos específicos. Com os constantes ataques à sua própria existência, como os fechamentos de seus escritórios em diversos países, assim como o recente isolamento do Qatar pela Arábia Saudita, Egito, Bahrain, Emirados Arabes Unidos, que exigem uma desvinculação do país com a Irmandade Muçulmana (considerada por eles uma organização terrorista) e o fechamento da Al Jazeera, a emissora precisa sustentar-se de forma a garantir seu funcionamento. Assim, o pragmatismo se faz necessário, mesmo que levante questões à respeito de sua confluência com o governo.

Os movimentos liberalizantes proporcionados pela coroa Qatari após o golpe de 1995 não indicavam uma democratização gradual do país. Pelo contrário, eram instrumentos de manutenção do poder por meio da permissividade. Essa instrumentalização permitiu que a família real Al Thani permanecesse no poder, enquanto angariava simpatia internacional por conta de sua suposta aderência aos valores ocidentais.

A verdadeira transformação do regime político Qatari só poderia partir dos conflitos de interesse internos à sociedade. Isso, porém, é virtualmente inviável, pois não há o interesse de mudança por parte da população, que privilegia a segurança e a estabilidade. Porém, “os

lugares não têm ‘identidades’ únicas ou singulares: eles estão cheios de conflitos internos” (MASSEY, 2000, p. 185). Portanto, não deve-se afirmar que esse contexto não vá mudar num futuro, principalmente com as recentes dificuldades encontradas pelo Qatar em continuar o jogo duplo e pragmático de sua diplomacia regional e global.

A Al Jazeera, independentemente do seu envolvimento com os interesses do governo do Qatar ou não, foi um marco para a transmissão de informação no mundo árabe e do mundo árabe. Com astúcia e liberdade exuberantes, lida com assuntos sensíveis de formas ousadas, convidando emissores de posições polêmicas e subalternas. Portanto, pode tornar-se uma fonte e um veículo de transformação, caso seja capaz de mudar a percepção dos Qatari referente à sua nação. Essa mudança, porém, não necessariamente será em direção aos ideais propostos e esperados pelas nações ocidentais, podendo diferenciar-se do liberalismo econômico e da democracia. Cabe, por conseguinte, aguardar para analisar quais serão as reações das grandes potências à emergência de uma potência regional e autóctone.

O processo que levou a Al Jazeera de um veículo de comunicação obscuro e pequeno à projeção internacional e ao papel de estabelecer tendências configura-se como um fenômeno do jornalismo político. Vem, portanto, questionar a narrativa de mundo proposta pelos centros decisórios globais, que se instituem como condutores da história. Apresenta, dessa forma, uma nova faceta da geopolítica. Consequentemente, é conceitualmente subversiva, embora se adapte aos moldes do *status quo*.

Considera-se que os estudos à respeito da Al Jazeera sejam feitos de acordo com as características peculiares desse fenômeno. É necessário compreendê-la pelo que é, sem que as paixões interfiram. A pós-ideologia é uma farsa, sendo qualquer tipo de manifestação política extremamente ideológica. Porém, é necessária a consciência das paixões para que se fuja das avaliações incompletas ou reducionistas. Portanto, o fenômeno da Al Jazeera deve ser visto pragmaticamente, como atos políticos calculados.

A estratégia do governo Qatari é um caso clássico de *welfare state*. Consiste numa perpetuação da pura *jouissance*¹⁴, um estado dialético entre prazer e dor. Prazer, simbolizado pela completa manutenção do nível de vida dos cidadãos por parte do Estado, e dor, caracterizada pela repressão de ímpetos de liberdade e autonomia. Por isso, a transformação das estruturas do regime Qatari, caso venham do exterior, apenas se desmanchará, concedendo espaço à volta das estruturas de poder anteriores.

Independentemente de suas intenções, a Al Jazeera serve e é utilizada como instrumento de diplomacia e propaganda pelo Qatar. Seja por seu caráter altamente liberal, de variedade editorial, ou pelo alto nível técnico de suas produções audiovisuais, a rede transmite uma imagem positiva do seu país de origem. Quanto às questões de omissão em relação à movimentos populares do Bahrain, é necessária uma análise mais aprofundada, não realizada neste artigo. Para o presente, mostra-se importante analisar quais os próximos passos que devem ser tomados pela emissora para garantir a sua sobrevivência num ambiente de extrema hostilidade e que tipo de acordo tácito precisaria fazer com o Estado Qatari para garantir sua manutenção. A exposição do Qatar é perigosa para o regime, pois suas contradições podem ficar mais evidentes. Portanto, as apostas de liberalização, como a Al Jazeera, e de propaganda evidente, como a Copa do Mundo de 2022, são calculadas em relação a bônus e ônus.

A atual crise que percorre a região, como as relações entre a Arábia Saudita e o Líbano, envolvendo o Irã e o Hezbollah, assim como o bloqueio realizado contra o Qatar, consiste numa missão e numa disputa pelo controle midiático. Os interesses da mídia global encontram-se representados pelas posturas sauditas, enquanto propagam a imagem de uma Arábia Saudita reformista. O jogo de interesses não é restrito à Al Jazeera e ao Qatar.

Invariavelmente, a Al Jazeera revela-se como um evento único e impressionante. As suas relações com o Qatar, com o Oriente Médio e com o globo tendem a se tornar ainda mais interessantes e complexas. Cabe às análises destrinchar os seus efeitos e as suas capacidades,

¹⁴ Para conceituação aprofundada, ver *The Ethics of Psychoanalysis*, de Jacques Lacan

e cabe ao tempo, e à sua capacidade de sobrevivência, revelar o seu verdadeiro papel na construção de um novo cenário geopolítico global.

Referências bibliográficas

ALBRECHT, Holger; SCHLUMBERGER, Oliver. **"Waiting for Godot": Regime Change without Democratization in the Middle East.** International Political Science Review, Vol. 25, No. 4, página(s): 371-392, out. 2004.

BOBBIO, N.; NICOLA, M.; GIANFRANCO, P. **Dicionário de Política, Vol. 1.** 11ª edição. Brasília, DF. Editora UnB, 1983.

CASTELLS, M. **O Poder da Comunicação.** 1ª edição. São Paulo, SP. Paz & Terra, 2015.

FIGENSCHOU, T. **Al Jazeera and the Global Media Landscape: The South Is Talking Back.** New York, NY. Routledge, 2014.

KHATIB, Lina. **Qatar's foreign policy: the limits of pragmatism,** International Affairs, Vol. 89, No. 2, página(s): 417-431, 2013.

KAMRAVA, Mehran. **Royal Factionalism and Political Liberalization in Qatar,** Middle East Journal, Vol. 63, No. 3, página(s): 401-420, 2009.

MASSEY, Doreen. **Um Sentido Global do Lugar.** In: ARANTES, A (Org.). O Espaço da Diferença. Campinas, SP. Papyrus, 2000. p. 177 - 186.

SAMUEL-AZRAN, Tal; PECHT, Naama. **Is there an Al-Jazeera-Qatari nexus? A study of Al-Jazeera's online reporting throughout the Qatari-Saudi conflict,** Vol. 7, No. 2, página(s): 218-232, ago. 2014.

SULTAN, Nabin. **Aljazeera: Media or Medium of Change in the Arab World?** In: GULF RESEARCH MEETING. 2011, Cambridge. Anais...Cambridge: Universidade de Cambridge, 2011.

ZAYANI, Mohamed. **Al Jazeera's Palestine Papers: Middle East media politics in the post-WikiLeaks era.** Media, War & Conflict, Vol. 6, No. 1, página(s): 21-35, abr. 2013.

ZAYANI, M. **The Al Jazeera Phenomenon: Critical Perspectives on New Arab Media.** London, UK. Pluto Press, 2005.